

ALFARRÁBIOS

2016 © ssquerdosautorais

Fanzine

Os textos aqui publicados são de inteira responsabilidade de seus autores.

Foi impresso por Armazém de Quinquilharias e Utopias

Responsável: Paulo de Carvalho

Contato

55 21 99556-1007

armazemdequinquilhariaseutopia@gmail.com

Utopia
Brasil



A poeta é natural de Niterói, onde reside. É Mestre em literatura portuguesa pela UFF e desde muito jovem acalentou a poesia em si. Somente em 2018 concretizou esse caminho poético com a publicação de seu livro “Ardia a poesia em Maria” pela Pachamama Editora. Livro sensorial na escrita e na fotografia de seu filho, Ricardo Rogers. Participou em 2019 das Feiras literárias de Niterói e de Paquetá.

Cecília Rogers



As máscaras da atriz

Para Regina Alves

Ela faz de conta

Que é fada

Que é bruxa

Que é rainha

Ela faz de conta

Que sua dor é nada

Que seu amor é luxo

Que sua alegria é madrinha

No seu mundo de faz de conta

As máscaras se alternam

Em dança hipnótica que encanta

Por entre risos e lágrimas

Que afloram

Da alma

Personagens que

Ora ferem

Ora tocam

A mais verdadeira emoção

São conduzidos, em sintonia

Pela maestria

Da atriz, divina

Regina

Em sublime representação.





é uma canceriana lunática, nascida no dia em que o homem (dizem) pisou na lua, em 20 de julho, mas dois anos depois, em 1971, em São Paulo, capital. Depois morou nas montanhas mineiras e hoje mora na praia, no litoral sudeste de São Paulo , na Juréia de Iguape. Formada em Pedagogia e licenciada em Artes Visuais, com pós-graduação em Artes Visuais, leciona Arte na escola estadual local e fabrica livros artesanais de poesia, que expõe em feiras de publicação independente. Publica frequentemente poemas e alguns contos, nas redes sociais, em sua página Palavracoisa e no grupo literário que criou em 2017, Alcateia. Tem poemas publicados em diversas revistas literárias digitais, como Mallarmagens, Literatura&Fechadura, Germina, Gente de palavra, Carnavalhame. Participou da antologia Voos Literários , editora Essencial, em 2018 e em 2020, participa da plaquete Poemas de Amor, antologia de poemas organizados pelo professor doutor Claudio Daniel. De vez em quando usa os pseudônimos Devi Sat e Iandella Cape.

ANUNCIAÇÃO

Mãos azuis folheavam o livro de lírio que continha mensagens de futuro, mas no centro, onde estava a costura, desenrolou-se uma noite estrelada e boiou uma lua que ficou à sua frente, a poucos centímetros de seus olhos, girando devagar sobre seu próprio eixo. Dentro do livro-flor, enquanto virava suas páginas tingidas de perfume ultrassutil, novíssimos horizontes esboçavam seus ramos ainda débeis, acenando luminosamente. Ia sentindo uma crescente alegria, um clarão se abria na floresta do peito. Em duas páginas de pétalas, escaparam nuvens que cambiavam de cor, como que suplicando nossa decifração, em modo de fuga. Em outras, letras de ouro pressentidas e profecias bordadas com os cabelos de mártires e de prostitutas célebres vinham como que impressas, grafadas na carne da alma. Era a pena de um anjo que fazia todo esse trabalho? Ou apenas de um pássaro há muito extinto.

Uma rosa perene e tatuada por dentro, na página *, invisível, indelével, indecifrável, com seu riso de esfinge a ironizar o mundo de prazer e dor. Nas últimas páginas enxergou a ilustração de um par de asas a depor um límpido cristal em seu ventre, um ventre tão virgem quanto a manhã que nascia.

ORÁCULO RANDÔMICO

Vênus em trânsito
Sol em exílio
Lua em Virgem
a doze graus de Peixes,
a carta do Eremita
afundo a mão nas runas
e tiro a pedra IS
o gelo
o I Ching aconselha
o Homem Superior
não se aflige quando está só
nem se abate quando deve
renunciar ao mundo



FANAA

Mais além dos rostos
na meia noite transcendente
onde os nomes flutuam
como lótus num lago
de águas calmas
após serem purificados
no fogo de dor e amor:
um fogo alvo
fogueira de lírios
que se dissolvem
no Oceano de Perfumes

ÁTOMO

desfrutar
desse instante
de ouro
habitá-lo
como a um fruto
boiar dentro dele
útero em plenitude
depois nascer
no corpo do devir,
carne futura



MUSA PAJÉ

sem lei nem rei
um pouco bárbara
docemente tosca
cunhatã guerreira
sabe fazer cafuné
enroscada
na rede
enquanto me sonha
poemas nus
que pintam o corpo
como um bom selvagem

POETA OU POETISA

poetisa é tão lindo...
rima com sacerdotisa
com profetisa

mas poeta
é minha forma
predileta

as palavras são granadas
a detonar a mansarda
do senhor patriarcal

quero
exijo
ser tratada como igual





Poeta e professor. Formado em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, escreve e atua com literatura há mais de 10 anos. Foi finalista do Prêmio UFF de Literatura 2014. Em 2016, publicou seu livro de estréia: “Café Expresso e outros poemas” pela Dowslley Editora e Comunicação, de Niterói. Se apresentou em vários saraus no estado do Rio e foi publicado em diversas antologias. Como Zineiro, publicou “Fragmentado” em 2014 e “Na boca do agora” em 2015, além de participar dos zines do grupo AMEOPOEMA. Organizou e publicou o zine de literatura queer “Literanoturna” em 2018 reunindo 10 autores de diversas partes do país. Essa é sua primeira participação no “Alfarrábios”.

Hudson Pereira



A era do horror chegou por aqui

Há algo de sórdido no ar
que se manifesta silenciosamente
e que nos flagra, tão de repente
que nem saberemos enfrentar

Os abutres voam em círculo
nos observam devagar

É preciso estar atento
ao sinuoso movimento
de suas asas

É preciso estar alerta
para as violentas manifestações
muitas vezes disfarçadas
de liberdade de expressão

Já vejo as ratazanas
saindo dos bueiros
dançando em becos estreitos
prontas para se apresentar

Já vejo o exército de bichos subterrâneos
em nome da fé, da moral, da família
prontos pra marchar

Um poema hoje, pra quê?

um poema hoje, pra quê?
 se eles não vão te deixar dizer
 o que você quer dizer
 a não ser que seja
 pra inglês ver

pra quê, então, se arriscar?
 e na sua poesia manifestar
 se é mais agradável rimar
 signo e nome feminino
 do que tocar na ferida
 do que mencionar a chacina
 porque nada disso combina
 com a foto bonita
 que eles vão postar

colocam Castro Alves e Magiezi na mesma
 prateleira e empurram Bretch pra lixeira
 riscam a poesia do mapa
 como expulsam as minorias da praça

mas não vão conseguir
 poeta é uma raça que vai resistir.



Cheiro de hospital não sai tão cedo

Quando ele entra pelas narinas, você quase não nota, o ar condicionado ao máximo quase sempre irrita a pele de forma tão acachapante que só depois você percebe. Um quê de álcool, éter, um cheiro de limpeza que não é bom, mas funciona.

Odiava cada minuto ali, me sentia alarmado a não tocar, encostar, e empurrava as portas com cotovelos, era necessário estar ali em dias alternados, esperar na porta da sala vermelha, abordar médicos nos corredores, mas eu odiava tudo aquilo porque até então vivi uma vida onde a morte era apenas uma ideia e cada segundo na fila de espera tornava aquilo uma realidade irrefutável. Eu sabia.

Lembro exatamente do barulho dos aparelhos e da respiração sofrida do meu pai, de olhar seus dentes que pouco apareciam por trás do respirador, uma pessoa entubada daquela forma se confunde um pouco e a gente nem sabe mais o que é o que, a pele bronzeada, o cabelo bonito e aqueles aparelhos e aquele barulho e aquele cheio de coisa desinfetada era tudo uma coisa só, o que ainda ali era o meu pai?

Beije sua testa antes que fechassem o caixão. Estava tão gelado que permaneceu um vestígio frio nos meus lábios durante o cortejo. Ninguém nunca me disse que pai morto tinha gosto de sorvete nem que cheiro de UTI fica pra sempre na memória.



Jordão Pablo de Pão

Escritor, professor e pesquisador de memória literária. Autor de “Abre Caminhos” (2017); “O Mar do Meu Velho” (2018) e “Café Quente” (2019). No prelo, “Na Senda do Ser”, com Paulo de Carvalho. Já participou de diversas edições de “Alfarrábios” e prepara como curador a primeira edição do “Alfarrábios LGBTQIA+ Brasil”. Membro da Academia Niteroiense de Letras. Membro do Coletivo Afeto Poético. Curador de diversas exposições, mostras, séries de saraus e eventos literários. Atualmente, Diretor da Biblioteca Guaracy de Albuquerque Souto Mayor, da Academia Niteroiense de Letras (Niterói, RJ), e Coordenador de Programação do Solar do Jambeiro (Niterói, RJ).

Nesse fanzine, retoma o sentido histórico da publicação, fanatic magazine, um trabalho apaixonado por um ídolo, uma causa de pertencimento, uma referência. Clarice Lispector assim é para Jordão Pablo de Pão e, neste dezembro de 2020, em que comemoramos o centenário de seu nascimento, é oportuno trazer os textos aqui impressos à tona.

Plantação

sua segurança é saber que tem um mundo para trair e
vender, e que o venderá.
(Clarice Lispector, “Menino a bico de pena”)

Na banca do dia, produtos fresquinhos, a feira se faz. Freguesia atenta. A voz coloca o prumo, burila a existência, dá o preço das coisas. Frutas brilhantes. O mundo se descortina em cores, em texturas, em sulcos tão alimentares que sangram a virginal madeira dos tabuleiros. Estou ali pela primeira vez, embora eu saiba que é este mais um dos sóis que testemunham lâminas descerrando os gomos de uma tangerina inteirinha, fibras que falam de um todo que não necessitam do fio mas reagem ao invasor. Líquido esvoaça. Casca quase vermelha, amarelada. Um Sol em mão. Um Sol meu. Vendem tangerinas. Eu tropeço em um vendedor no meio do caminho, no meio do caminho tinha uma venda. Abaixo e peço desculpas, toco em seu ombro, vejo seus produtos. Livros. Rapidamente, reconheço uma capa, tiro do bolso algum dinheiro. Dá conta, sorrio e dou passos rápidos com Clarice entre o braço e o meu corpo suado. Clarice comprava tangerinas? As letras sempre me salvam. Sento no meio da rua, sorrio para o moço das frutas, abro o livro como quem faz com as escrituras consideradas sagradas. E este conjunto é, literatura sacra, flagra, literatura ara. De repente, me vejo em campo cheio, muita terra e muito horizonte. Uma plantação de tangerinas. Clarice me expõe como poucos. Quero o líquido coral visceral. A letra pulsa. A letra me impulsiona. No cartazete, tangerina 1 real. Estico o braço, pego minha fruta, mexo no bolso, um trocado, pago e levo meu mundo individual: minha plantação de tangerinas é de letras e seu sulco hoje é meu sangue. O sistema não me segurou. estou definitivamente livre. Comendo tangerinas.

Sem mosquito

Ah! era mais fácil ser um santo que uma pessoa!
(Clarice Lispector, “Amor”)

Sua ferida exposta em moscas diversas, zunidos de viver, vermelhos liquefeitos em alimentação putrefata. Não tem moradia, tem estada. Cada lugar, uma hora, um passo, um maço, uma maçada. No corpo, marcas, arroxeados muitos, sensíveis espectros de quem queria ser. “Sou livre!”, um tapa. “Sou viado!”, um soco. “Sou uma mulher!”, uma coronhada. “Nada tenho!”, uma porrada. No corpo, incorporadas as marcas de um tempo agora, um tempo humano, demasiado humano. As moscas rondam a ferida de ontem, feita pela polícia, porque não poderia dormir em calçada. Poder, em verdade, poderia - até por que o fz. Mas não deveria. E, na esfera do dever, tem tanta coisa de opinião! Ali, você deve cuidar do céu. Ali, você deve se conservar puro. Ali, você não deve ser puto. Nem estar. Muito “não” para uma prosa transitória - não seria a vida também, toda ela, transitória? Toda ela. Trânsito. Transitação. Transição. Existir é passagem. E dói. Gemem os insetos que nos rodeiam. Gemem os insetos Planaltos. Gemem os sacrários vivos, andores a florados em cânticos de procissão. Acontece que as flores morrem - as de plástico, não. Acontece que os madeirames que celebram a fé são corruptíveis. Acontece que dinheiro governante pagou a festa em estado laico. Viver rói. Viver dói. Está tudo tudo tudo muito errado, meu irmão. Escrevo estas letras santas para regozijar sua vivência plena. Ergo meu canto em forma de oração: que um dia não sejam essas moscas as únicas a se alimentarem nesta santa escritura.

Jazigo prometido

toda morte é secreta.
(Clarice Lispector, “A fuga”)

Virulência absoluta. Não posso tocá-lo esta noite, meu bem. Não posso estender a mão para sua existência. Miseravelmente, sou o passo estranhado de um tango de Gardel, de um fado de Amália, de uma balada de Gisberta. Tem coisas que não se pode controlar. Tem coisas que não deveríamos controlar. Queria alcançar você, mas não posso mais. Meu braço não se sustenta. Meu braço é de aço, é passo, é abraço prometido, nunca feito. Feitio de oração, feitio de santo ofício. Letras muitas de um mantra simples. A simplicidade é o nosso contato mais honesto, mais verdadeiro. A verdade me aproxima de você e encontra eixo. Queixo, mas me entrego ao peso de sua balança. Justiça para essas mãos que não podem falar por contato tátil. Tateio a mesa, a madeira fria, nunca chego a seu corpo. Não posso ser apenas isso. Não posso ser um eco de vontades. Sou a ação inequívoca de busca, de rateio, de necessidade de você. Existe um lastro, um leme inseguro nesta embarcação que tremula em mar aberto, em mar, em. Quedo para os subterrâneos de mim. Quedo como o Filho Sacrificado, imagem tão familiar quanto as xícaras alvas de minha mãe. No alto da sala, o quadro marrom escuro tem foto desgastada e borda puída pelos bichos do tempo. Tic tac tic tac o humano arranhão de uma secura pungente que abre vincos no chão de existir. Territórios nossos tão delicados, tão cheios de nossas coisas, tantas memórias. Hoje não posso estar com você. Isso me faz mal, menino. Isso é morte, menino. Você não sabia. Agora sabe como estou, quem sou. Sou um condenado a morrer. E quem não é?

Branco

Chamar de branco aquilo que é branco pode destruir a
humanidade.

(Clarice Lispector, “O ovo e a galinha”)

Percorro minhas sensações e redescubro o Jordão. Não, essa não vai ser uma prosa poética de narrador obscuro. Quero-me todo, comer o mundo com mãos cheias. A mística das horas, o compasso descompassado de quem muito pouco sabe. Não faço questão alguma de saber, diga-se de passagem. A ciência de algo nos escraviza e nos compromete. De certo jeito, parece ser este um tratado sobre nada, um branco diante da folha de papel. Um branco não vencido. Eu, branco. Ele, o papel, registro que poderia ser feito, mas não está escrevinhado. Sou o diário desmazelo que quer mudar tudo e nada consegue. Sou um insucesso. Um incenso. Um curto mantra que reconecta, que cintila, que torna a natureza toda prenhe. Fertilidade que trago e guardo, não como a guarda de Cícero, mas a guarda de um subconsciente que tumultuadamente nada sabe de si. É que nomear até certo ponto é fácil. É que nomear é colocar sonoridade e caligrafia nas coisas que são. O nome não é a coisa, e a coisa é outra coisa que não um registro. Todo nome é um ato revolucionário neste pathos que é existir no intenso XXI. Mais do que fazer a combinação precisa que referencia, o nome pode ser estorvo, festejo ou agouro. Nomeio minha existência com a sonoridade sacra: ourimidefigivem. Não perca tempo com radicais, afixos e desinências. Sou um neologismo ambulante cujas letras recorrentemente são trocadas. Sou assignificável. Sou imprevisto em dicionários. Sou tudo o que sou, sobretudo não sou o que não sou, o que nem sei, o que deveria ser. Sou um nada, um nada simples que pode destruir o mundo, meu mundo, o tudo.



Químico Industrial
Engenheiro Industrial – M. Sc.
Psicólogo Clínico
Escritor
Conferencista

José Antonio C e Silva



O Celular em Tempos de Pandemia

Um aparelhinho extremamente portátil, minúsculo, leve, cabe facilmente no bolso de uma calça. O celular, também referido como smartphone, assume enorme protagonismo nesse período da quarentena causada pela Peste (como Albert Camus chamaria a atual pandemia causada pelo COVID-19). Originariamente concebido para ser um telefone, tinha o formato de um tijolinho, envolto em uma capinha que lhe permitia ser ajustado ao cinto de uma calça, e portado com toda a visibilidade. Bons tempos, ninguém assaltava ou matava por um celular. Eram os anos da década de 1990.

Com o tempo, o aparelhinho foi evoluindo, em formato e, muito principalmente, em possibilidades tecnológicas. De um simples transmissor/receptor de voz, outros recursos foram sendo incorporados. Mensagens de texto – SMS, conhecidos como torpedos -, e na sequência, a comunicação por textos ampliada extraordinariamente com a incorporação do e-mail, do WhatsApp, do Facebook, do Messenger, do Instagram. Junto aos textos também passou a ser possível o envio de fotos, vídeos, áudios. Aplicativos são usados para orientação sobre o trânsito. O google, como instrumento de recepção de notícias e de pesquisa sobre os mais diversos assuntos, praticamente decretou a obsolescência dos dicionários impressos, enquanto as volumosas enciclopédias foram substituídas pela Wikipédia. Pelo celular passou a ser possível escutar música, ver filmes, escolhidos em aplicativos como o Netflix e o Now, pelo Youtube, na própria telinha

do aparelho ou projetando na tela de um televisor. A combinação da voz com a imagem passou a ser possível através das ligações por meio de vídeo, conectando duas ou mais pessoas, como nas Lives, em locais distantes. Em tempos de quarentena, esse recurso presta um enorme serviço à comunicação, o que, em contrapartida, agravou um novo tipo de dependência, descrito pelo termo *nomofobia*, abreviação, do inglês, para *no-mobile-phone phobia* criado para descrever o pavor de estar sem o telefone celular disponível. E ele poderá se tornar indisponível por diversas razões: perda, roubo, quebra, imersão em água, desconfiguração etc. Sobre outros riscos envolvidos no abuso do celular comentaremos ainda neste texto.

Mas o aparelhinho tem ainda diversas outras funções. Possui câmera fotográfica, calculadora eletrônica, agenda, calendário, bloco de anotações, despertador, e outras facilidades mais. Dentre essas, sobressai a possibilidade de acesso ilimitado às contas bancárias do usuário. Através do celular, com o aplicativo *iToken* instalado, é possível executar literalmente todas as operações financeiras, o que não seria possível fazer mesmo através de um computador.

É, então, o celular uma verdadeira maravilha? Sim, e não, como todos os objetos da técnica, como já antecipava Martin Heidegger, um dos filósofos essenciais do Século XX, notadamente em seu texto “A questão da técnica” (escrito em 1959!), preocupava a Heidegger o feitiço lançado pelos objetos da técnica sobre os seus próprios criadores. Já escrevi diversas vezes sobre essa questão. A respeito do abuso do celular e a progressiva dependência das pessoas ao seu uso, tratei particularmente em meu texto, postado aqui

neste blog em 08/06/19, denominado “Eu quero Mammy”, com foco no uso abusivo do aplicativo WhatsApp, e do qual reproduzo alguns trechos, por oportuno, na presente fase de confinamento ocasionado por uma pandemia que aumentou exponencialmente aquele efeito sobre os usuários de celular. Escrito bem antes da pandemia, centra-se muito especialmente numa avaliação crítica do uso abusivo do celular.

(...) “Basta lançarmos um olhar ao redor e veremos que, em toda a parte, uma grande quantidade de pessoas está lendo ou escrevendo mensagens via WhatsApp. No metrô, nos ônibus, nos restaurantes, na plateia de cinemas, teatros e de shows, nas salas de aulas, caminhando nas ruas, no interior dos lares, em qualquer lugar. Crescentes alertas quanto a esse abuso parecem relegados ao total descaso. A postura corporal exigida no uso do aplicativo causa problemas na coluna vertebral. O desperdício de precioso tempo em consultar e responder mensagens tantas vezes irrelevantes, redundantes, notadamente de extensos grupos de contatos. O surgimento do estresse, da ansiedade. O risco incorrido ao dirigir teclando o WhatsApp, uma postura ainda mais perigosa e irresponsável do que falar ao celular. A atenção posta no aplicativo em locais públicos, notadamente nas ruas, expõe o usuário à um ponderável risco de assalto, queda, atropelamento. E a escrita? Muito mais do que no moribundo e-mail, a escrita no WhatsApp dolorosamente maltrata o vernáculo. Não se trata aqui de pretender que seus usuários sejam um Machado de Assis ou um Carlos Drummond de Andrade, mas, sim, que redijam com um mínimo de consistência, para se fazer entender corretamente pelo interlocutor (...)”

E a referida crônica aborda outras questões:

(...) Desencontros presenciais

E há o problema do desencontro. Curiosamente, os aplicativos feitos para aproximar as pessoas, utilíssimos para aquelas fisicamente distantes, acaba por afastar as muito próximas, até mesmo literalmente ao lado. Tente falar alguma coisa com um dependente do WhatsApp enquanto ele checa ou digita suas mensagens. Você terá a nítida impressão de estar falando para as paredes, de que suas palavras simplesmente não são captadas, respostas “hum...hum... aham...aham...” ao seu pedido de confirmação de escuta não lhe darão nenhuma garantia de recepção (...)

(...) Prejuízo ao armazenamento na memória

Para que se tenha a memória de um momento é necessário que ele seja vivenciado, a pessoa precisa estar presente, com seus sentidos em alerta. Como poderá alguém reter na memória aquilo que sequer foi captado pelos sentidos, no caso ilustrado, pela audição? Como escreve a psicóloga Linda Davidoff (MAKRON Books,1980), “perceber, estar consciente, aprender, falar e resolver problemas, tudo isso requer aptidão para armazenar informações...”. Ler mais em (*).

(...) Dependência do telefone móvel

Nomofobia: a dependência do telefone celular. Este é o seu caso?

Cada vez mais as pessoas não conseguem desgrudar do smartphone e esse hábito pode trazer consequências

físicas e psicológicas. Ler mais em (*).

(...) Riscos à saúde mental e física

O texto referido no parágrafo acima informa que “Em nível neurobiológico, sabemos que existe um “sistema de recompensa cerebral” (SRC) que tem como função estimular comportamentos que colaboram com a manutenção da vida (como sexo, alimentação e proteção). Quando o SRC é ativado, com a liberação do neurotransmissor dopamina, isto proporciona imediatas sensações de prazer e satisfação. Tal qual para as drogas de abuso, as dependências comportamentais (incluindo a nomofobia), são capazes de levar a uma hiperatividade do constante SRC, podendo causar alteração no funcionamento cerebral.” Ressalva-se que, “Entretanto, as consequências de longo prazo do funcionamento alterado pelo excesso do uso do celular ainda são incertas. Além disso, as pessoas que apresentam uso abusivo do celular têm maior chance de desenvolver transtornos psiquiátricos como ansiedade, depressão e sintomas de impulsividade, embora a relação de causa-efeito nem sempre seja fácil de ser estabelecida.” Problemas físicos frequentemente ocorrem, incluindo fadiga, patologia ocular, dores musculares, tendinites, cefaleia, distúrbios do sono e sedentarismo. Além disso, é evidente a maior propensão em se envolver em um acidente automobilístico e de sofrerem quedas ao andar.”

(...) Para filhos, pais ficam muito tempo no celular

Este é o título de mais um texto sobre o tema. Como subtítulo temos: “Pesquisa aponta que quatro em cada dez adolescentes consideram que responsáveis fazem

uso excessivo dos celulares. E 28% dos adultos entrevistados avaliam que vício na telinha prejudica o relacionamento familiar.” Ler mais em (*)

A simples perda de um celular já é um grande transtorno. No caso de roubo, a implicação é a de um enorme risco de uso criminoso das preciosas informações pessoais nele contidas. Mesmo fora dessas situações extremas, o dono de um celular tem em suas caixas de arquivos uma série de mensagens, vídeos etc. que ele não gostaria que fossem visualizadas por ninguém mais, por mais íntimo que seja. Sobre isso, há alguns dias assisti um filme francês, “Nada a esconder”, que de maneira jocosa, e ao mesmo tempo dramática, aborda essa questão. Nove amigos – quatro casais e um solteirão, se reúnem para jantar na casa de um deles. A mesa é farta, comida sofisticada, como convém à mesa de uma refeição francesa, o vinho é generoso e de muito boa qualidade. Estão todos alegres, se divertindo, até que alguém sugere o que seria uma brincadeira, uma espécie de jogo da verdade. Todos colocariam seus celulares sobre a mesa, continuariam a comer, beber e conversar. Sempre que algum celular tocasse, o dono deveria atender viva-voz, de modo a que todos pudessem escutar a conversa. Fora o solteirão, eram todos casais, não haveria o que temer, argumentou-se. A relutância de um ou outro foi vencida e o jogo começou. Foi uma sucessão de chamadas que deixaram a todos chocados, revelando segredos mantidos no completo desconhecimento do parceiro ou da parceira que atendia ao chamado. Lembrei-me de Nelson Rodrigues, dramaturgo, romancista, cronista, dentre outras artes literárias, e que afirmava: “Se todos conhecessem a intimidade sexual uns dos

outros, ninguém cumprimentaria ninguém.” Nelson, um notável frasista, era um profundo observador do comportamento das pessoas, notadamente no tocante aos hábitos sexuais. Era bombástico, frequentemente exagerado, mas em geral havia sempre um toque de verdade em suas colocações. Claro, a frase citada contém um evidente exagero, mas há pensamentos e exteriorizações de pensamentos que melhor seria permanecerem recônditos.

Falamos na obsolescência dos dicionários e das enciclopédias com o advento do google. É compreensível que tal aconteça. Mas a dependência do celular, o enorme tempo gasto em sua utilização descontrolada, o consumo de informações desenfreadas ofertadas para um consumo rápido, como num fastfood virtual, tem um lado bastante perverso. Juntamente com a obsolescência da leitura dos dicionários e das enciclopédias no formato tradicional, também está sendo descartada a leitura de LIVROS, impressos ou até mesmo e-books, especialmente aqueles que tratam de questões mais profundas, que exigem tempo, concentração, reflexão, para absorção de seu conteúdo.

Qual será o futuro da internet e de seus instrumentos, do nosso aparelhinho? Nada se pode afirmar. A falada nuvem não existe. É apenas uma metáfora. Todo o sistema de transmissão apoia-se numa rede de cabos submarinos em fibra óptica, e o armazenamento ocorre em enormes prédios que abrigam os servidores, situados em diversos países. São verdadeiras fortalezas, com vários níveis de segurança. Mas não deixa de ser uma inquietante fragilidade para um sistema do qual passou, e passa a depender cada vez mais, de forma acelerada, a humanidade. Com ou sem pandemia.

(*) Postagem “Eu quero Mammy”, de 08/06/19



Natural de São Gonçalo-RJ, Mestre em Teologia, Cantora, Escritora, Trovadora, Ativista Cultural, Membro do Coletivo Afeto Poético. Curadora do Sarau Sintonia Cultural, Fundadora do Projeto Social Frutos da Adoração e Participou de diversos concursos, antologias e fanzines. Atuante em diversas salas eventos literários no grande Rio. “Dom de Poetizar” (Itapuca, 2020) é o primeiro livro individual.

Instagram: @ligiahelenacarvalho

Facebook: Ligia Helena Carvalho

YouTube: Escritora Ligia Helena Carvalho.

Invisível

Sem endereço
Sem nome
Muito menos telefone.
Sem comida
Sem teto
Sem amigos
Sem afetos
Maltrapilho, ao relento.
Quem?
Esquecido, invisível.
Sem eira, nem beira, sem abrigo.
Ali! Passam e não me vêem.
Será que morri?
Quase isso!
Por que não se importam?
Apenas um peso, um lixo!
Ali! Você não viu?
Causo medo,
Mas na verdade deveria causar pena e misericórdia.
Mas é mais fácil fingir, fugir e me evitar.
Me dê a mão, um alimento!
Não?
Sei, entendo.
Não tenho espaço nesse mundo desigual.
Sou apenas um ser invisível.

Ligia Helena Carvalho

Ligia Helena Carvalho.

CONTRASTES

Preste atenção em quantos mundos paralelos existem:
Podemos começar pelo mundo dos invisíveis.

Sim, aqueles que a sociedade passa e finge que não vê.
O submundo dos moradores de rua e dependentes
químicos.

Tem o mundo da fome, onde até o lixo traz banquete
para mesa.

Tem o mundo dos sobreviventes,

O que são escravos de seus trabalhos e mal conseguem
pagar o seu alimento.

Tem o mundo dos que possuem até alguma coisa,
mais vivem em função de querer ter sempre mais.

E chegamos ao mundo dos que tem tudo e não se im-
portam com os demais....

Mundo dos bêbados, dos sóbrios, dos religiosos e dos
sem religião.

Uma mistura de mundos e submundos que se cruzam
a todo instante.

Mais, o importante é manter o seu mundo de aparência.

Pois, mudar ou uniformizar

Fazer um mundo de igualdade é um sonho distante.

Para quem quer chegar lá, e para os que não querem
que isso aconteça.

Seja qual for o seu mundo

Lembre-se, só você pode mudar esse contexto.

Se não pode mudar o mundo todo

Vai em frente e mude o seu!

Ligia Helena Carvalho.

Ser mulher

Existe uma lenda que fala de um ser frágil,
que deve ser submisso, protegido e sustentado,
tratado com honra e ser muito amado.
Na jornada da vida, esse ser se extinguiu
– ou será que evoluiu?
Hoje, continua delicada, bela, inteligente e gentil.
Apenas aprendeu com a vida e evoluiu...
De frágil, surgiu a guerreira.
Luta todos os dias suas guerras diárias...
Administra sua casa, seus filhos, seu trabalho...
Tem sua carreira e não existem profissões que não
tenha alcançado.
Quem é esse ser? – você pode se perguntar...
Pode ser Maria, Joana, Andreia,
Fernanda, Helena, Jussara, Teresa...
Não importa o nome.
É um ser de muita nobreza.
Dela vem a luz.
As nações saem desse ser que sabe, com todas as
forças,
expressar o que é ser MULHER.

Ligia Helena Carvalho.



Negra Black - Joselene Souto

Biografia: A artista de São Gonçalo (RJ) considera-se saindo do ninho para alçar novos voos. Com uma poética com forte motivação social, busca evidenciar em seus versos a espontaneidade da vida periférica e suas nuances de significado para a construção de um mundo mais justo e menos preconceituoso. Instagram @joselenenegrablack.

A DANÇA

A dança do corpo, a dança da alma.

A dança faz você pensar no amanhã, se libertar, ser livre.

É um jogo de sedução... É você começar com os pés no chão!

É você valsar... Valsa pra lá, valsa pra cá. E o passo... Ah, e o passo!

É um, dois, três, um dois, três. Será essa valsa que eu quero dançar?

Ou será um tango com mais calor, mais apaixonante?

Um desejo mais intenso... Um fogo que vem de dentro!

Será que eu gosto mesmo de um pagode onde eu começo a dançar, me requebrar, mostrar o que a nega tem?

Talvez um samba onde eu coloco as mãos nas cadeiras e jogo pra lá e pra cá?

Será que eu gosto mesmo é de um funk, onde eu coloco as mãos nos joelhos e dou uma abaixadinha?

E o ritmo frenético atravessando a vida?

O forró quem sabe ! Mas aquele forró de antigamente.

Aquele forró capixaba que você coloca as pernas no meio, entrelaça os corpos, mexendo sempre sem parar.

Será isso?

O que eu gosto mesmo é da dançar.

A dança como um todo.

A dança do corpo.

A dança do homem.

A dança da mulher.

A dança é a vida!!

O amor!

É isso que nasce em mim.
O amor pelo ser, pela vida, pela natureza, pelo mundo.
Ah meu Deus!
Como é bom dizer.
Como é bom gritar.
Eu amo a vida! Eu amo a dança!
Eu amo amar!!!

VIDAS

Onde foi parar a menina que brincava de ser professora na sua favela?

Ela ainda mantinha a inocência que lhe foi roubada pela desigualdade.

O tempo ia passando, ela desabrochando... Mas o que ela queria mesmo era outro futuro para sua vida.

Tinha que mudar sua história!

Ainda haveria de fazer diferença na sua vida ver suas amigas montadas nas motos de bundas empinadas ou grávidas, pois esse caminho ela não queria.

Sabia que precisa estudar, mas não conseguia, precisava ajudar em casa.

Tudo se repetia, ela não queria virar dona de casa, era necessário mudar, se desviar das balas para chegar no asfalto; e Chegou.

A menina estudou!

Transformou-se numa negra linda, escritora, contadora de histórias.

Com a leitura faz girar o mundo! Contar sobre nossa resistência, falar da nossa cultura africana.

Não é fácil; mas é preciso.

Na memória, ainda trago lembranças da rodilha...

Desistir jamais!

Espero que você também não.

Afinal, vidas negras importam.

Negra Black - Joselene Souto

SENTIMENTO CRESCENTE

Sentimento, vai tomando espaço, invade sem pedir licença

Entranhado no seu corpo, na pele, tirando o fôlego

Embriago-me bebendo sua água, como se fosse um cálice de vinho

Entorpecida, saboreio todo líquido

Enlouqueço de desejo sem fim

Meu corpo dentro do seu

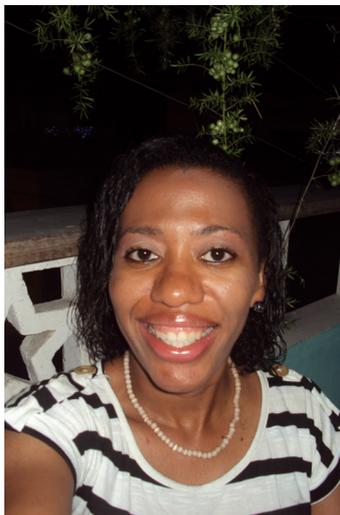
No balançar da rede, sinto seu toque quente aguçar meu apetite

Alcança meu ponto íntimo com cuidado e delicadeza

Mato sua sede de bem-querer

Enquanto ainda balança a rede
Sou tomada por uma sensação de embriaguez
E, louca de desejo, vejo que não estou completa...
Quero mais!
Leve malevolência conduz minhas pernas que não se
contêm
Exploro todo canto da casa...
Sim, ao invadir seu mundo, levo prazer e euforia para
sua vida

De um mundo de sonhos desperto inebriada
Sinto um aroma agradável
Uma xícara de café elegantemente na bandeja
Para um desjejum cheio de más intenções
Sinto teu toque, vejo que alcancei
Sentimento profundo
Insaciável como um beija-flor a polinizar o pólen do
amor



Priscila Santos Moreira

Escritora baiana, natural da cidade de Salvador – Bahia, pedagoga com especialização em Psicopedagogia Institucional, Clínica e Hospitalar. Participou da Antologia Poética Internacional da Editora Cogita e da Antologia Poética Mulher Poesia vol2, em 2017. Participação no Fanzine Alfarrábios Edição vol. XV e XVI do Selo Armazém de Quinquilharias e Utopias- 2020. Integrante do Núcleo de Poesia, Cultura e Arte, Grupo Mel Mulheres Entre as Linhas, também do Clube de Poetas da Bahia, participante do grupo de Pesquisa Contadora de Histórias da Bahia chamado Cacimba de Histórias.

Admiro você

Sustentado por motivos prazerosos, agradáveis de alegria, seus amores, loucos rumores.

Admiro você

Quando reconheço os seus valores, nossos amores, choros, dores e tremores.

Admiro você

Admiro você, ao ver suas emoções, sentimentos e sensações.

Admiro você

Admiro você, sua força e garra expressa entre gritos, aplausos, diante da vida pés calçados na caminhada. Admiro você, pelo que vejo e tu és.

Admiro você

Admiro você, quando olho para trás e vejo suas pegadas, sofrimentos, lutas e tribulações durante a caminhada.

Admiro você!

Sintática

Lute para alcançar seu melhor em todos os sentidos,
verbalizando o que há de bom produtivo e desempenhado,

por momentâneas circunstâncias de valorizar condições.

Prazer, resgatado para aproveitar experiências de vida.

Se empenhando em querer conquistar circunstâncias vividas.

Carpe diem!

Viva assim cada minuto, como se fosse o último.

Aproveitando o conteúdo passado,

As experiências de mundo, de vida

Atinja, conhecimentos tidos como fundamentais ao transparecer o aprendizado adquirido, assimilado,

em valor aquisitivo, quantitativo.

Sendo assim desenvolvido,

Acrescentando em nós,

Expectativas de fazer acontecer,

Ao invés de deixar acontecer, deixando a vida te levar,
o que mais atrapalha do querer transformar-se em poder,

quando há paralização do ser:

alienado, acomodado, pessimista e pessimista.

Sobretudo manipulado simplesmente tido para obedecer, aceitar e servir.

Motivação

Busque,

Tente outra vez.

Faça o diferente, seja a diferença durante a existência.

Permita surgir uma nova canção.

Um novo canto,



Motivo de criatividade para ser estímulo,

Razão imaginaria para ser utilizada.

Se inspire para descobrir a nota com a intenção de compor a melodia.

Observe ao seu redor o que há em fatores determinantes externos,

Modifique a sua realidade

Dê um novo sentido para os processos,

conflitos internos da sua vida.

Reinvente a sua situação pelo sim ou pelo não visite e revise,

para além de tudo reveja.

Permita-se e esteja disposto a transformação, aquisição.

Produza e gere prazer em riqueza, emoção.

Em alto bom som

e voz agradável aos ouvidos ao ser escutada.

Também aplaudida que tanto nos toca com sensibilidade os corações,

conforme a música, canção ou melodia.

Entusiasmando os casais enamorados, apaixonados.

De acordo com a sintonia,

Dancem no embalo da criação,

na satisfação e prazer da geração.



Estudante, cantora desde os 5 anos de idade, começou com apenas 9 anos a escrever poesias e trovas. Integrante da UBT - União Brasileira de Trovadores - Sessão São Gonçalo e do Coletivo Afeto Poético. Ganhou diversos prêmios, foi noticiada por diversos meios de comunicação e tem seus trabalhos publicados em diversas antologias literárias.

Instagram: @rebecacarvalhopoesia

Facebook: Rebeca Carvalho

YouTube: Escritora Rebeca Carvalho.

ELA É A FLOR

Ela quando atua,
a todos encanta.
Joga suas rimas,
e com elas canta.
Quando interpreta,
A todos faz sorrir.
Com sua graça vem nos divertir.
Com todo tipo de publico,
ela sabe bem lidar.
Ela diverte a todos
só pra variar.
Ela mergulha nas palavras,
trata sobre coisa do cotidiano,
dá significado a objetos,
retratando o que acontece de ano em ano.
Do seu livro ela é a flor
que nasce e aflora
e na alma renasce.
Agora no meu coração o seu nome está.
Regina Alves!

Profissões

Professor, Juiz ou Doutor.

Pedreiro, Ferreiro, Advogado ou Porteiro.

Médica, enfermeira, Policial ou Bombeiro.

Diretor de Cinema, Escritor de poema.

Seja ATOR, Seja CANTOR, SEJA O QUE FOR.

Exerce seu papel com muito louvor, com muito amor.

Não importa qual é a sua PROFISSÃO,

sei que a realiza com muito amor no coração.





Tenho 41 anos do Rio de Janeiro atriz, poeta, performance, professora de Teatro, faço parte do Coletivo Afeto Poético. Dirigo duas CIA's de Teatro a Entuarte e a Interarte. E assino a direção Artística do Espaço Cultural Interarte. Autora do livro A Flora que Aflora Alma da Editora Autografia, participei dos Fanzines Epitaphio II, Fanzine Alfarrábios Vol.XIV do Selo Armazém de Quinquilharias e Utopias de Paulo de Carvalho, da Antologia 21anos do Um Brinde à Poesia- editora Dowsley. Tenho um canal no YouTube de contos, poesias e Teatro. No meu instagram @reginalves desenvolvo uma live que vai ao ar aos sábados sempre às 18:30H sobre Desconstrução & Construção do Ator - Personagem. E realizo junto ao Coletivo Afeto Poético lives as segundas, quartas e domingos.

Regina Alves



ELA É FADA! ELA É FODA!

Dona dos seus passos menina totalmente a frente do seu TEMPO. MULHER firme e com passos certos. Se é muito ousada com roupa cavada é puta, safada... As vozes vociferam bem alto: Isso é coisa de Puta, SAFADA!

Hiiii o povo vive falando dela ainda mais que não para em casa. Já souberam que ela sempre da na primeira noite?

Coisa de vadia, safada!

Se entra numa empresa toda bonita com salto alto e radiante , entrou ali pra ser amante e não foi pra trabalhar não. Entendeu? Vai ser uma FICANTE!

Está vendo ali por isso foi abusada você viu a roupa que a safada usava?

Capim balançou pau na préa não é assim que os machos escrotos vivem dela a falar?

Olha lá a roupa curta tá pedindo, claro que tá querendo...

LARGA a sua lascívia quase que tremendo... De ÓDIO!

Mas as falas mais doentias e pesadas vem não somente dentro de casa mais de outras mulheres quase que mal amadas

Que não se acharam nessa vida patriarcada.

O mundo fala dela e ela não está nem aí de Janeiro a janeiro...

Não está preocupa se você é o último ou se será o primeiro. Na cama , nas tramas e dramas da vida.

Se entra para política então já rola a maior confusão!

Mulher entende de política por acaso? Sabe nem pilotar um fugão ! Silêncios... SILENCIEM , essa vaca, Vagaba, puta... ordinária...

PUTA! ... PUTA!... Filha da puta! Barulhos, destroços...

COVARDIA... PAUSAS! AGRESSÕES, MORDAÇAS nas muitas mulheres. Tombos, derrubadas... lágrimas! E as nossas causas? Elas não param... Disparos e muitos disparos e mais uma se foi, calada! CALARAM... pau-

sas... passos em retirada da covardia de uma sociedade que se recusa a respeitar essas mulheres. Essas muitas mulheres e suas ESCOLHAS! Um som foi ouvido... PRESENTE! PRESENÇA, RESISTÊNCIA.

Você mata uma, nasce cinco, você mata cinco nasce vinte e cinco, você mata vinte e cinco nascem setenta. PRESENTE, PRESENÇA!

A sociedade continua o coro um dia após o outro : Tá vendo que mulher vagaba da no primeiro encontro não é mulher que valha.

- Ihhhh olha lá namorando outra mulher isso não é coisa que preste, do diabo se quiser.

Se a filha não casa até os trinta o pai já fica preocupado filha minha não nasceu pra virar sapatão não. Sapato grande cabe no pé da minha princesa não!

Que dirá 44 ... Sai pra lá arruma qualquer macho!...

Você viu a da vadia dando pra geral e ainda põe a bíblia debaixo do braço clamando ao Pai.

Ordinária dizendo que é de Deus e o povo da igreja acredita nessa PUTAAAAA, Safada!

Se a mulher trai então... não é mulher que preste ... isso é coisa de PUTA, SAFADA!

MULHER digna faz isso não.

Marido dedicado, os armários cheios de compra ... Lotado!

Os filhos todos bem tratados...

Mais já se perguntou se o marido é de fato bom ?

Parceiro, amante, de Caminhar junto e sonhar também?

Olha só que engraçado homem trai e ninguém fala nada... Nem diz que isso é falta de Deus e nem de dignidade.

E ainda rola o coro:

TU É PICA! Bate aqui mano! ... E outra coisa mostra a foto aí, ela não tem uma irmã, uma prima, amiga, tia, uma vó que não esteja capenga pra nós resolver seus dilemas?

Mais homem pode que é coisa potente, e traindo se

torna um homem valente e machão. O tal honra o que tem no meio das pernas! E nem é chamado de covarde ... carne fraca sem caráter!.

Vai você mulher, trair pra ver a boca que vai rolar com seu nome sem parar...

E ainda tem as “amigas” pra tacar pedra e ainda se distanciam, chamam de puta aquela que um dia se disse amiga.

Preocupada com o que a tal sociedade vai falar.

Afinal tão digna vai andar ao lado de uma safada perigosa que pode até se meter na sua história!?

Aí já pensa e se ela der em cima do meu namorado?

Marido... cacho?

Engraçado você não vai ouvir nenhuma mulher falando assim: O quê, você está traindo seu marido, namorado, cacho... róis?

Sério mesmo? Bate aqui MULHER!

Tu é PIRIQUITA!

Conta comigo, se precisar inventa um bingo fora do domingo põe meu nome, uma feira, mesmo não sendo na quarta-feira. Estamos juntas nessa DADIVOSA!

Tu é demais mulher!

Estamos aí para o que der é VIER...

Mais o que acontece são descasos, abandonos... acusações.

E ainda tem as falas: Olha amiga não quero você na minha casa, se não o que vão pensar?

Vão acabar me chamando também de puta, safada.

E outra coisa (falando baixo) vai que ela dá em cima do meu marido... um bom cristão!

Sei que homem tem a carne fraca e vai acabar dando pra essa vaca.

AMIGA , sei... ah tá bom “ sororidade”! Sei bem até onde a sua mão segura a da outra.

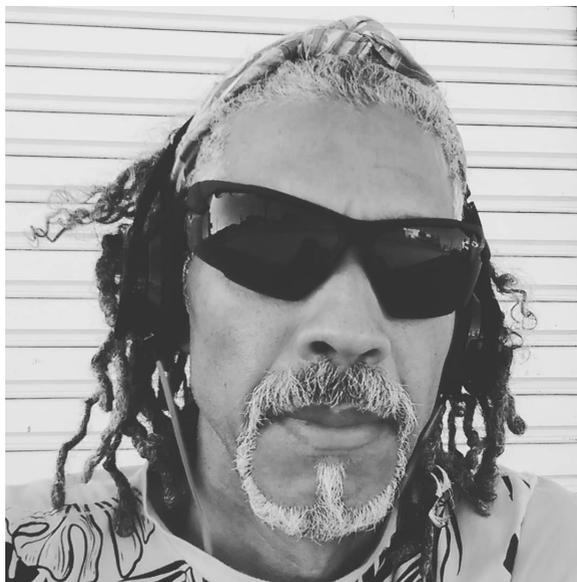
MULHER é condenada por tudo e por nada

Se ela quer ser sexy ou não

Se quer sair maquiada ou não
 Se quer estudar mais do que namorar
 Coisa estranha ela deve ser fria...
 Coisa de frígida nem quer dar.
 Ainda que desse pra alguém!
 Teríamos outra coisa pra falar dessa ...
 MULHER seca e até chamar quem sabe de
 Puta ou safada?
 Sabe ela?
 Não está nem aí pra seu teste de balança ela quer co-
 mer seu podrão.
 E se falar muito ela tem os boletos nas mãos basta
 pegar pra PAGAR!
 Suas falas medíocres que ecoam sempre com a mesma
 levada
 Se é sexy é puta, ou vaca
 Se não se produz é mulher macho
 Fora da caixa
 Se come pouco é doente
 Se come muito é vaca... baleia ...

Mas sabe aquela mulher... as muitas mulheres...
 Não estão nem aí para suas falas chulas
 E nem se importam se você mudou para o outro lado
 da rua.
 Ela já ouviu tanto você latir xingamentos infundados
 pela sua azeda vida
 E pela sua falta de sexo VÁLIDO...
 Sua falta de uma boa gozada na vida e da vida !
 Olha ela, cabelos curtos coisa estranha ficou com cara
 de macho.
 Deixou de ser mulher pura!
 Também já viu com quem ela anda nas ruas?
 MULHER seja você o que quiser... magra, gorda, baixa,
 alta, maquiada, sem nada...
 Roupas leves, ou ousadas.
 MULHER para de ofender outras mulheres, tenhamos
 SORORIDADE.
 Para de recalques... valorize a sua "CLASSE".
 De tanto ouvir suas falas chulas ela no ápice do seu

amor próprio e pisada firme.
Só entende o seguinte quando você abre sua boca de
lixo sem o menor compromisso...
Com o amor, respeito e integridade.
Os ventos que vem pra ela, das falas jogadas soam
assim: ELA É FADA! ELA , É FODA!
ELA... É FADA! ELA... É FODA!
E SAFADA?! SÓ NAS HORAS CERTAS...



Thiago Fragata

É historiador, poeta e escultor sustentável, de Sergipe. Nasceu e cresceu em São Cristóvão, mas reside em Lagarto desde 2019. Publicou São Cristóvão poética e xilogravada (2015), em parceria com Nivaldo Oliveira, além de uma centena de artigos em jornais e revistas especializadas. É presidente-fundador da Academia Sancristovense de Letras e Artes (ASCLEA), em 2017. **Segue as “poesias de combate” que integram seu livro “Fragatas não voam só – poesias encantadas”**

RESISTIR PARA EXISTIR: POESIAS
DE COMBATE

INIMIGO PÚBLICO (1995)

Cuidado comigo, El Rei
Tripudio a religião do império
Não pago tributos, escrevo insultos, impropérios
E lidero a turba nas rebeliões
Unidos, queimaremos vossas plantações
Não lhes daremos paz apenas uma lápide no cemitério

Cuidado comigo, Senhor Governo
Tenho a arma cheia de alfabeto
Sou perigoso de caneta na mão
um discípulo de Voltaire
Fujo de qualquer calabouço
E não mande calaboca
Tenho balas na reserva: k, y, z

Cuidado comigo, Senhor Juiz, vá de retro
Minha sentença é seu atestado de óbito
Irei ao seu funeral prestigiar as honrarias
Sentarei na primeira fila durante a missa de sétimo dia
Serei o seu carrasco em vida, seu eterno purgatório
A morte iguala todos, renda-se! pois sua vida é uma
merda
sou um panóptico, a inquisição, um terrorista.
Tenho sim a arma carregada de alfabeto
Com balas na reserva: k, y, z

FARPAS AOS CONTRACOTAS (2014)

É contra as cotas? Tenha dó...
O teu passado não foi escravo
Acorrentado num pelourinho
regando com suor e sangue este país
pra hoje sentir o chicote do racismo
Que a sociedade açoita por cima da lei maior.
Não foi suspeito, primeiro revistado nas batidas
Descrito como mal-encarado quando sério
Debochado, macaco, se bem-humorado...

É contra as cotas?
Cresceste na sociedade racista torta
Que segrega pela origem e renda familiar
Tem a Educação como um privilégio dos eleitos
Dos poucos que o Estado abre portas.

É contra as cotas?
Porque tem pena das contas
das contas do fim do mês
Tens filhinho na escola paga
E quer o melhor só pra ele, ok?
O fim do teu preconceito está mais longe
nem consegues enxergar...



VINGANÇA DO ESCRAVO QUE ESCREVÊ I (2020)

Seu Iôião, seu malvado feitor
sou aquele escravo que escreve,
escreve versos e cartas anônimas
na Folha Abolicionista da miseranda província.

Seu Iôião, seu malvado feitor
sou negro fugido da senzala
rodopio no terreiro com as anáguas
roubadas do quarador de Sinhá.

Seu Iôião, seu malvado feitor
sou o negro sumido do pelô
depois de tantas chibatas,
lágrimas, dor, meu corpo em chagas.

Seu Iôião, seu malvado feitor
agora escrevo por desagravo, um juramento:
comandarei o próximo levante, antes que o galo
cante!
sua má sorte é perceber que larguei pena para
assumir a foice da morte.

Seu Iôião, seu malvado feitor
Antes que o galo cante haverá levante
e todo o engenho crepitará como inferno de Dante.
Antes que o galo cante!

VINGANÇA DO ESCRAVO QUE ESCREVÊ II (2017)

Um car se bô do nê
um car se bô do nê
acróstico foi a senha do levante
que fez crepitar todo o engenho
como inferno de Dante

1 carro, 6 bois, 2 negros
seria este o testamento
Do senhor de engenho traído
Que era rico mas foi perdendo, perdendo...
Carro é abreviatura de carroça!

6 bois faziam o pasto
Já não tinha vacas de leite
Nem escravas-mulas que se deite
O varão foi-se moribundo
na rede que virou caixão inumado
sete palmos do chão
Tão venerado, tão estudado
envenenado, envenenado...

Depois da fuga em massa para o quilombo
Restaram 2 negros boçais-serviçais
Hoje não tem cafuné nos pés de iaiá
Hoje não tem passeio nem missa de sinhá

Cedo teve a morte do feitor enforcado nas tripas de ioió
O capelão...não diremos que fim levou
sua igreja benzia o chicote e o pelô.

1 carro, seis bois, 2 negros
assim começa outra História.
A utopia era fazer do Brasil o Haiti e ser feliz.





Instrutor de Canalização de Energia Cósmica e Meditação. Navega pela música com instrumentos multiétnicos, contação de histórias, poesia e arte performática lúdica.

@sarau_cosmico

WhatsApp 55 991193792

Varno - o Nomade

Certa vez eu conheci
 Um pescAMOR de estrelas
 Toda noite ele saia
 Para estrelas pescar
 Contemplando ele queria
 Delas se aproximar.

Eu achava linda
 Esta possibilidade
 Fui mergulhando neste universo
 Ampliando a sensibilidade
 Para uma estrela
 Pescar também
 Através da contemplação
 Fui tão abençoado
 Que pesquei uma constelação.

Varno - o Nomade

À olho nu
 É pequenina
 Mas se agiganta
 Quando se aproxima
 DONA CARLA que o diga
 Com toda sua vivência
 Uma constelação viva
 Com muita consciência

Mesmo com sua força
 Seu coração é pacífico
 Nela também encontrei
 COLLORS o MAGNÍFICO
 Serzinho humilde, humildoso
 na humildicência e tal
 Levando todas poetas que encontra
 Para o seu quintal
 Na sua seducência
 Vai chegando de mansinho
 Já dizia isso
 Seu ZÉ CONTINHO
 Com sua simplicidade
 Que, despertou a felicidade
 Mesmo sem ir para a Disneylândia
 Porque o legal mesmo é conhecer pessoas
 Como a GERELIQUICINÂNDIA
 Que com humor e sabedoria
 Nos mostra que a cultura
 É acessível à todo mundo
 Através da leitura.
 A calma
 pode vir através da poesia ou da
 FLORA QUE AFLORA A ALMA.
 Mas ela tem suAS MÚLTIPLAS FACES.

Já à vi acolhendo AS BONECAS na MELHOR IDADE.

Em seu quintal, há também lugar para RODRIGO UM CABRITO DIFERENTE.

Há amor presente sempre ENTUARTE

Se faz frio, VINHO e CACHECOL, não necessita de PRÍNCIPE ENCANTADO.

Seu AFETO é POÉTICO e COLETIVO pois o que não falta é amor neste ser.

Mas, VOCÊ SABE O MEU NOME?

O desta constelação eu sei. É REGGINA ALVES, pois ela não é apenas uma estrela.

ELA É FADA, ELA É FODA!

CONSTELAÇÃO REGGINA

Homenagem à minha MANA Regina Alves, atriz , diretora de teatro, poeta, escritora, dramaturga, dubladora e produtora Cultural - responsável pelas Cias EntuarTE e Interartecia.

Coletivo Afeto Poético.

Caramujo
chão risca



MESTRE DO TEMPO

ENCONTREI VITÓRIA

no coração

deu empate.

Máscara

agora visível

PROTEÇÃO?

Enxada suja

cai a chuva

PRATO CHEIO

LAMA NO TIBET

suja não

TRAZ TRANSFORMAÇÃO

SARAU

brotas poetas

NÃO MACAÚBAS

tele grama

só via natureza

NA TV

vezes on

vezes OM

se possível, presente

sentada na calçada
não queria nada
ALÉM DE ATENÇÃO

minha poesia não faz sentido
e você
TEM, SENTIDO?

no espelho encontrei
reflexo de quem
NÃO SEI

a saudade?
levei pro mar
ENSINEI À AMAR...





Mudar biografia: Vini Borges nasceu em Santa Rosa (Niterói, RJ) e trabalha com estratégia visual de merchandising para grandes marcas desde seus dezessete anos. A arte perpassa sua existência nos momentos de trabalho, de alegria e de tristeza - auxilia o processo de cura, dá-lhe sustento, expressa e cria desafios. Pesquisador de texturas, cores e possibilidades de montagens artísticas com materiais diversos, escreve há um ano. Traz em seus poemas um tanto de vida e muito das emoções com que se relacionou nesta longa trajetória de humanidades. Tem nos Doces Bárbaros, na música negra estadunidense e na literatura que vem conhecendo suas principais referências como autor. Membro do Coletivo Afeto Poético, publica no fanzine “Alfarrábios”, desse Armazém de Quinquilharias e Utopias, e lançou recentemente seu primeiro trabalho individual: “Rebento”. Instagram @viniborges1966.

Vini Borges

Evas

sou pele surrada pelo tempo
nasci sem sexo

aos poucos, fui tomando forma
cabelos, unhas, boca
e orelhas que carregavam brincos
e mensagens de vida

sou pernas cansadas,
estradas percorridas,
curvas sinuosas e sensuais
quereres de ocupar o meu lugar

tomando seu leite
senti o sabor do infinito
e saboreava sem pressa

resistência
sou ventre
sou útero
e só quero procriar esperança,
ser quem sou
sou porque quis
sou preta, branca, amarela,
posso ter a cor que eu quiser

sou o vento que te carrega,

alço a outros mundos,
ao meu mundo,
o de existir, esculpir você

meu nome?
pode me chamar do que quiser,
mas saiba:
só vou te responder com a minha alma

sou mulher

Histórias tão nossas

Imersão nas histórias que relatam o desmazelo humano
sobre questões tão importantes
- o simples prazer de existir.

Me jogo em corredeiras que passam por pedras,
que fecham ou mudam o curso da vida,
pedras que prefiro remover e jogar pra bem longe,
pedras que estão nos nossos sapatos e faz tempo, muito
tempo ..

Histórias que cumprem uma trajetória em curvas,
fragmentos de asfalto quase nem visto, o barro mostra
a cara.

Buracos que te puxam para outros mundos,
coração seca, desejos que escondo comigo.

Me jogo é agora,
nado em uma corredeira que me leva leve,
breve prenúncio do final feliz.

Pedras que coloco uma sobre outra,
construo castelos, que o vento leva,
pedras de areias, águas que levam.

Na imersão, quase afogado por tanta injustiça, subo
até a superfície,
rio de esperanças, pretensão de ver a visibilidade e
igualdade de todos,
boio sem saber a direção.

Humilde pensamento que tive outrora,
significados que nunca entendi e agora sinto na pele,
tatuagens apagadas sob outro desenho da vida.

Horizonte não vai dar frutos.

Sobrevivência, resistência para o novo velho continente,
melhor dos mundos, reconhecimento.

Pele marcada

Moço, me dá um trocado?

Moço, me dá... tenho fome, de vida.

Moço, me dê um afeto?

Moço, me dê... tenho pressa, me abraça
- aconchego que ilude.

Moço, me faz um favor...

Moço, me faz... tenho medo
- perigo à espreita, tocaia, surra sem pena.

Moço, um pedido...

Moço, só um... tenho um...
- deu um perdido, fingiu que ouviu, ignorado.

Moço, me passa um batom!

Moço, me passa... tenho boca, só quero um beijo
- igualdade tão esperada.

Moço, me passa um lápis!

Moço, me passa... tenho escritas, poemas
- diversidade obscura, falso gostar.

Moço, me despe! Moço, me despe!

Tenho calor, alma nua, banho de luz
- palco nos guetos, sem visibilidade.

Moço, me olha! Moço, me olha!

Tenho sorrisos, gargalhadas, óticas do humor, agregar
e partilhar.

Moço, me alimente! Moço, me alimente!

Tenho idéias, fast food, sanduíche de gente, fome do
saber.

Moço, me leva! Moço, me leva!

Tenho viagens, dores e lembranças.

Moço, me pinta! Moço, me pinta!

Tenho arte, tela pronta, arte que brota...
Maquiagem do personagem.

Moço, me esculpe! Moço, me esculpe!
Tenho origens
- desculpe as imagens, são feitas de mim.

Moço, em mim, moço! Moço, em mim, moço!
Tenho esperança, moro nas ruas, calçadas me abrigam.
Inclusão esperada. Devaneios meus.

Moço... Moço... Moço...

Mais um se foi,
morto pelo preconceito,
moço negro, gay, sapatões, travestis, trans, homens
quase homens,
assassinados natos.
Números se omitem, não se tem voz...
Gritos de...
Socorro!



Escorpiana com ascendente em aquário, natural de São Gonçalo - RJ, Vitoria Martina escreve a vida que lateja perene. Historiadora por formação, escritora/ poeta/ compositora e performer por vocação.

Vitoria Martina



Mofos siderais em compêndios

Queria agora
Me apartar
Do eu
E adentrar
Idiomas
Esquecidos
Nas guerras
De norte
A sul
Do mundo.
Quem sabe
Assim
Eu soubesse
Dizer
Ao certo
Sobre a
Esperança
Tão narrada
E não apreendida.
Esperança
Sem alicerce
É ferida
De curativo
Frouxo

Esboço amarelo
De sorriso
Oco
Em terra
De ninguém.
Que o raiar
Visceral
Das entranhas
De estanho
E bronze
Contornem
A linha do
Horizonte
E digam
Xis
A foto ainda
Não tirada
Na mão
Do menino
Indiano
Nas ruas
De Bombaim.

Vitória Martina



Toonel

Eu
O copo
Ambrosia eletiva pós trabalhen
Na porta
Turvadas luzes
Pela velocidade
Cidade. Cidade. Cidade.
Ecocardiografa o mártir.
En la escalera.



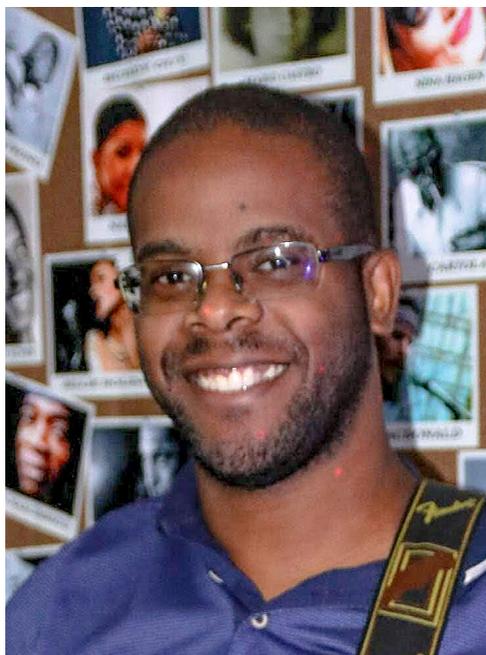
Basílica de enxofre

Troquei o sangue
Das minhas veias,
Por glicocorticóides,
Em hemodiosas
Hemodianálises
Quando me mostraram
Que o amor
Era um tipo
De alcalóide
De estanho e gases.
Reintegro-me ao sistema
De forma antialérgica;
Não me interessa mais
Do amor
Suas síndromes
Serotoninérgicas.

Res non verba

É no romper
 Da brisa virginal e silenciosa
 Da cálida madrugada inevitável
 Que a sensação de loucura visita-me a fim
 Indagar alucinopiosos flashes amitripilínicos;
 Não me rendo,
 Ou a subjugação de pensar não se render,
 Já é uma redenção.
 Ou quiçá uma redenção?
 Tudo em nome de tudo
 Em prol de nada.
 Corre barco, corre vida
 Desensofro o chuveiro que desarma
 Planejas a partida
 Dadaísmo de ossos queimados
 Da vil da contribuinte.
 É gaveta, grita o Coveiro apoiando a pá no Cruzeiro.
 -Traz cimento, João.
 João chega de balde,
 Baldes de João são usados para selar a gaveta enxa(vida)
 Que teimava-se em deslacrar no momento da sangria.





Músico e professor de música, membro do Coletivo Afeto Poético, Poeta de pouco, inspirado pela sua esposa Ligia Helena Carvalho e pela filhota Rebeca Carvalho, coloca no seu trabalho artístico uma forma de levar a sua fé e a sua visão de mundo.

Instagram: @wellingtondes.v.carvalho

Facebook: Wellington Carvalho

YouTube: WellingtonCMusic

Wellington Carvalho

Céu Seu

Céu imenso e generoso que permite o voo dos mais diversos e belos pássaros

Céu que em seus ares, até os que não tem asas permite a passagem

Céu que no seu toldo preto salpica estrelas

e como um galante conquistador oferece-nos a lua cheia tal qual uma pérola.

Céu de muitos tons de azul, e as vezes, extravagantemente alaranjado ao entardecer

Céu que se exhibi no eclipse ao nos mostrar dois de seus maiores tesouros de uma só vez

Céu, com seu véu de nuvens, “cortina de fumaça” que disfarça o dia com seu tom de cinza

Céu, temporais são teus e raios de Sol assim como as nevascas e aurora boreal

Céu quero olhar-te sempre seja noite ou dia pois meus pensamentos em ti flutuam

Agradeço sempre ao criador dos céus

Céu inspiração de versos e canções, desperta em mim tantas sensações

espero o dia em que eu serei Seu.

WINTER BASTOS

Autor dos livros "Prisões de Estimação" (Ed. Itapuca, 2019) e "Malandragem, Revolta e Anarquia: João Antônio, Antônio Fraga e Lima Barreto" (Ed. Achiamé, 2005). Em 2011, recebeu menção honrosa no IX Concurso Municipal de Conto Prefeitura de Niterói, sendo publicado pela Ed. Niterói Livros com os demais premiados. Obteve menção honrosa no 7º Prêmio UFF de Literatura, em 2013, tendo conto incluído em antologia da EdUFF. Obteve 1º lugar no festival de Contos do CLARON de 2016. Recebeu 10º lugar no Concurso Bram Stoker de Contos em 2018. Teve o conto "Depoimento" selecionado pelo Selo Off Flip para integrar a coletânea "Parem as Máquinas!" em 2020. Fundador do blogue Expressão Liberta. Editor do fanzine O Berro (oberrofanazine@gmail.com). Colaborador com textos para o jornal Transversus e para a revista Contra Legem. Seu livro de contos "Prisões de Estimação" pode ser entregue em casa, se adquirido em: www.editoraitapuca.com.br.

Matar o tempo ou multiplicá-lo: qual a função da literatura?

Como a literatura entra em nossa vida? Como construímos nossas concepções sobre ela? De que forma passamos a conceber o que é ou não literário? No meu caso, tudo isso não foi ensinado em lugar nenhum: foi fruto do próprio contato com os livros em si. Isso não significa que "aprendi sozinho" (aliás, nem acho que exista tal coisa: todo conhecimento decorre, direta ou indiretamente, da interação entre os seres humanos). Simplesmente afirmo que, a partir de influências de pessoas que generosamente me apresentaram obras importantes, fui criando meus próprios conceitos sobre

a arte literária.

Já na adolescência, caiu em minhas mãos a novela *A Metamorfose*, de Franz Kafka. Fiquei intrigado de cara: o livro narrava coisas esquisitíssimas, que os personagens encaravam como relativamente normais. Como podia uma pessoa acordar transformada em inseto, e os familiares simplesmente isolarem o metamorfoseado, nutrindo certo rancor por ele – encarado como se estivesse, de propósito, tentando envergonhá-los perante o resto do mundo? Havia mais coisa ali... Pareceu-me a metáfora de algo maior, mais instigante justamente porque aberta a várias interpretações. Virei fã do autor.

Ainda no colégio, os alunos, cansados dos livros adotados pelo professor, resolveram pedir que escolhêssemos, mediante votação, a obra que queríamos ler. A ideia foi aceita. As pessoas propuseram alguns títulos. Sugeri *A Metamorfose*, mas eu mesmo acabei votando em outro, descrito como emocionante e cheio de ação e que acabou sendo o escolhido pela turma.

Comecei a ler o livro e não conseguia mais parar. Era ação e mais ação, além de bastante mistério. O primeiro capítulo acabou justamente num momento em que havia mais expectativa acerca do que aconteceria em seguida. Fui levado, pela curiosidade, a iniciar o capítulo seguinte, ao fim do qual ocorria a mesma coisa: a proximidade de algum acontecimento importante da trama me forçava a continuar lendo. E assim passavam-se dezenas e dezenas de páginas, fluindo como água, sem interrupção. Além do mistério, a presença de sensualidade na história também era instigante: uma fórmula perfeita para prender qualquer um àquela narrativa hiperdinâmica. Adorei cada minuto daquela leitura.

O tempo passou. Continuei procurando livros de Kafka e descobri o excelente O Processo, o qual reli algumas vezes. Da estante de minha casa, desentoquei um pequeno grande livro chamado O Estrangeiro (de um tal de Albert Camus, cujo nome eu não fazia ideia de como se pronunciava) – fiquei fascinado e também vim a relê-lo. Daí não parei mais.

Já adulto, ao visitar minha mãe um dia, achei, em meu antigo armário, alguns pertences: cadernos, material escolar, fotos velhas. No meio de tudo aquilo, encontrei um livro que não era meu. Mas o estranho foi que, ao folheá-lo, encontrei meu nome escrito logo na página inicial (e reconheci que era minha própria letra!). Forcei a memória. Não me lembrava em absoluto do romance. Por que eu escrevera meu nome num livro de outra pessoa? Depois de vasculhar muito a memória, consegui recordar-me da votação na escola e do quanto aquela obra me fascinou na época, a ponto de eu não conseguir interromper a leitura. Porém, logo depois de lida, ela perdeu completamente a importância para mim. E eu jamais pensaria em relê-la: era algo descartável.

Fiquei pensativo. Fui fortalecendo na minha mente uma concepção que, já naquele momento, eu já passara a ter acerca da arte. A literatura de verdade não é aquilo que nos afaga, nos entretém e faz passar o tempo, mas sim o que mexe conosco, incomoda e marca nossa vida. Lendo o romance *Germinal*, de Emile Zola, por exemplo, tenho necessidade de fazer pausas para respirar, pois o ambiente das minas de carvão em que os personagens se metem é asfíxiante (nada muito diferente da atmosfera viciada das repartições burocráticas kafkianas). O romance *A Pele*, de Curzio Malaparte, também exige um ritmo mais ameno de leitura, pelos cenários sórdidos e opressivos que apresenta. Coisa semelhante também

pode ser dita sobre A Peste, de Albert Camus. Nenhum desses é um livro de agradável fruição imediata, nenhum deles é passatempo. Eles não matam nosso tempo, mas tornam-no mais vivo, valioso, significativo, rico, importante para nossos tempos vindouros.

Isso não quer dizer que toda boa literatura tem que ser asfíxiante. Ela pode ser qualquer coisa, não há barreiras para a arte. A Tragédia Brasileira, de Sérgio Sant'Anna, por exemplo, é engraçadíssima e não deixa de ser marcante por isso. Os livros infantis de Ruth Rocha, também, são leves, mas mudam para sempre a existência das pessoas. Nunca mais me esqueci de Marcelo, Marmelo, Martelo, e seus questionamentos da linguagem feitos de maneira natural, direta, porém profunda. A obra trata da arbitrariedade do signo linguístico e das estranhezas idiomáticas sem falar difícil nem criar tramas mirabolantes, sem ações intermináveis que prendam o jovem sem nada acrescentarem à vida dele. Da mesma escritora, recordo-me com muito gosto do excelente Dois Idiotas Sentados Cada Qual No Seu Barril, livro que me fez entender (já na infância!) o que era, na essência, a tal da “guerra fria”. Mais do que isso, o livrinho me fez vislumbrar o absurdo das sociedades humanas ditas civilizadas, num prenúncio do que Kafka significaria para mim muito mais tarde. Fico extremamente feliz quando um livro vende muito. É uma pena que a maior parte das pessoas desperdice com bugigangas que pouco representam para nós. Ruth Rocha criticou em entrevista: “Vejo muita gente comprar um celular para a criança, que custa cerca de mil reais, mas nunca vi um pai gastar mil reais em livros”. É verdade. Porém, mais importante que livros sejam comprados, é que sejam lidos (e relidos), acrescentando algo a nossas vidas.

Quando chega a notícia de uma bienal de livros bater recorde de público, não há como não nos alegrarmos.

Ver uma feira literária (como a FLIP) atrair gente de todo o Brasil – e do mundo – é igualmente motivo de alegria. Recordes de venda de títulos literários também são dignos de comemoração.

Querer uma literatura para poucos “intelectuais” é um elitismo, para mim inaceitável. Por isso fico feliz com altas vendas de livros, em geral. Porém quando um autor recorre a uma fórmula para alcançar esse sucesso comercial a todo custo, trabalhando seu texto apenas para prender a atenção no momento da leitura, sem nada além disso, sou levado a pensar que o leitor está sendo privado do que há de mais rico na literatura. Essa riqueza, aliás, pode ser alcançada sem que se precise gastar nem um décimo dos “mil reais” citados por Ruth Rocha.

Lembro que em 2015 comprei – na rua – excelentes livros usados por R\$4,00, R\$ 2,00 e até por R\$1,00 (isso mesmo, um real!), além de ter obtido alguns gratuitamente em projetos como a Biblioteca Livre, que ficava na estação das barcas da Praça XV (Centro do Rio de Janeiro).

Agora, é claro que se a pessoa estiver preocupada apenas em fazer pose de leitor moderno, comprando só livros comerciais (e vazios), que acabaram de ser lançados, vai mesmo ter que gastar à beça: desperdiçar dinheiro e – o pior – matar o tempo.